



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

Corações de trevas

Segunda-feira, 15 de Dezembro de 2014

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 51-52 de 25 de Dezembro de 2014

«Peço ao Senhor a graça de que o nosso coração seja simples, luminoso com a verdade que ele nos dá, e assim possamos ser amáveis, compassivos, compreensivos com os outros, de coração aberto com as pessoas, misericordiosos». «Nunca condenar. Se tiveres vontade de condenar, condena-te a ti mesmo. Mas nunca caminhes coxeando com as duas pernas, como dizia Elias, procurando aproveitar-se das situações». Ao contrário, é necessário pedir ao «Senhor a graça que nos dê esta luz interior, que nos convença de que só ele é a rocha; e que ele nos acompanhe no caminho, nos alargue o coração, para que possam entrar os problemas de muitas pessoas, e nos conceda a graça de nos sentirmos pecadores».

A inspiração veio mais uma vez das leituras do dia, e em particular do trecho do Evangelho de Mateus (21, 23-27), no qual Jesus tem a ver com aqueles que procuram enfrear a fé espontânea das pessoas com formalismos e normas muitas vezes inúteis. A este propósito o Pontífice introduziu a sua reflexão recordando que já no domingo de Ramos, quando «Jesus tinha entrado em Jerusalém» e «as crianças cantavam: “Hosana ao filho de David”», alguns «doutores da lei queriam silenciá-los». Mas Jesus disse: «Não podem ficar calados; se eles não gritarem, gritarão as pedras!». Em seguida, o Senhor «curou muitos doentes» e quando sentiu fome, aproximou-se de uma figueira que não tinha fruto, amaldiçoou a planta. Praticamente, observou Francisco, Jesus «prega a fé. Depois volta ao templo, cura as pessoas, muitos doentes e afasta aquelas que faziam negócios, vendiam, trocavam moedas». E é então que, assistindo a estes episódios, «os

chefes dos sacerdotes, ou doutores da lei, ganharam coragem e aproximaram-se» perguntando-lhe: «Com que autoridade fazes isto? Nós estamos aqui e mandamos no templo». Eis então a resposta de Jesus dada «com vivacidade interior, com muita perspicácia», porque — frisou o Papa — «Jesus na sua resposta vai ao coração destas pessoas, que tinham um coração inseguro». Alguém poderia julgá-lo «um coração diplomático», mas para o Pontífice trata-se de uma definição errada, «porque a diplomacia é uma profissão muito nobre, uma profissão para aproximar os povos, para fazer a paz»; ao contrário, «o coração deles era hipócrita». Com efeito, «não queriam a verdade, mas o próprio interesse, segundo o vento que soprava. Tinham um coração sem consistência. E negociavam tudo: a liberdade interior, a fé, a pátria. Tudo, menos as aparências. Eram «conjunturalistas», homens que se adaptavam às conjunturas, aproveitavam-se das situações.

A cena descrita no Evangelho é precisamente uma destas situações das quais tentaram aproveitar-se. «Viram neste momento algo débil», talvez «o tenham imaginado», e disseram a si mesmos: este é o momento. Eis então a pergunta: «Onde está a tua autoridade». Evidentemente, «sentiram-se fortes». Mas a reacção de Jesus surpreende-os mais uma vez. «Não discute com eles» e tranquiliza-os: «Sim, sim, dir-vos-ei mas antes respondi-me» pediu fazendo referência a João Baptista. Portanto, Jesus responde a uma pergunta com outra pergunta «e com isto põe-nos em dificuldade». Daqui a ligação identificada pelo Papa Francisco com a oração recitada no início da missa, na qual se pede ao Senhor «que ilumine as trevas do nosso coração». De facto, as pessoas sobre as quais fala o Evangelho «tinham muitas trevas no coração». Eram fortes, mas só de fora. E por esta razão a vida deles era, a parte exterior, toda regulada; mas o coração ia para outra direcção: um coração débil e uma pele engessada, forte, dura».

Ao contrário, Jesus «ensina-nos que o cristão deve ter o coração forte, firme, que cresce na rocha, que é Cristo, e depois na forma de caminhar, com prudência». Com efeito, prosseguiu o Pontífice, «não se negocia o coração, não se negocia a rocha. A rocha é Cristo, não se negocia! E Jesus nunca negociava o seu coração de Filho do Pai, mas era aberto às pessoas, procurando o modo de as ajudar».

A este ponto Francisco quis acrescentar uma recordação pessoal, ligada à sua infância, «quando o [Papa Pio XII](#) — explicou — nos libertou daquela cruz tão pesada que foi o jejum eucarístico. Não se podia beber nem uma gota de água e para lavar os dentes era necessário fazer com que a água não fosse engolida». O bispo de Roma confidenciou: «Eu próprio, quando era jovem, fui confessar-me por ter recebido a comunhão, porque pensava que tinha engolido uma gota de água». Portanto, quando o Papa Pacelli «mudou a disciplina — “Ah, heresia! Tocou a disciplina da Igreja!” — muitos fariseus se escandalizaram. Porque [Pio XII](#) tinha feito como Jesus: viu a necessidade das pessoas. E «também a nossa vida pode tornar-se assim», admoestou o Papa, que revelou: «Por vezes, quando eu encontro um cristão, uma cristã assim, com o coração débil, vacilante, não firme na rocha e com muita rigidez fora, peço ao Senhor: lança-lhe à frente uma casca de banana, para que escorregue, se envergonhe de ser pecador e assim te encontre a ti,

que és o Salvador». Aliás, «muitas vezes um pecado faz-nos envergonhar» e «encontrar o Senhor, que nos perdoa».

Por isso, concluiu, «hoje peçamos ao Senhor» para que ilumine «as trevas do nosso coração; que o nosso coração seja firme na fé». Precisamente como o das «pessoas simples» presente no episódio do Evangelho; gente que «não errava, porque os doutores da lei sabiam que não podiam dizer: “Não, o Baptismo de João não vem do céu”!, porque as pessoas sabiam, tinham aquela intuição da fé, que vinha do céu».